

NARRATIVAS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES SOBRE O O PNAIC DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

*Edicléia Xavier da Costa
Universidade Federal do Paraná
edicleiaxavier@ig.com.br*

Resumo:

Essa comunicação apresenta parte de uma dissertação, em andamento, que tem como propósito constituir fontes orais a partir das narrativas sobre o PNAIC de Alfabetização Matemática, por meio de relatos de professores alfabetizadores que participaram desse Programa de Formação Continuada, no ano de 2014. Essa foi desenvolvida utilizando como procedimento metodológico a Pesquisa Qualitativa, com abordagem da História Oral, em sua vertente temática. As reflexões realizadas pelos professores a respeito dessas fontes orais foram reorganizadas após o término das transcrições e textualizações. O objetivo foi o de verificar, nas falas dos professores, indícios das orientações teóricas e práticas do PNAIC na prática docente. A coleta de dados também possibilitou uma breve análise acerca da estrutura do PNAIC.

Palavras-chave: Educação Matemática. História Oral. Alfabetização Matemática; PNAIC.

1) Introdução

Alguns ensaios em relação ao professor de Matemática, falando sobre o processo de ensino e aprendizagem, aparecem em pesquisas como a de Rolkouski (2006), Barth (2014) e Varela (2014). Considerar falas de professores, ouvi-las e registrá-las pode ser uma das variáveis a ser considerada para esclarecer as situações de ensino e aprendizagem de Matemática, nos anos iniciais.

Nesse trabalho recorreremos ao professor alfabetizador para compartilhar suas vivências no curso do PNAIC de Alfabetização Matemática, e ele nos contou se as suas expectativas e seus anseios foram satisfeitos nessa formação. O foco foi registrar **“o que os professores alfabetizadores têm a nos dizer sobre o PNAIC de Alfabetização Matemática”**.

É a reflexão de cada colaboradora da pesquisa, sobre a própria trajetória profissional, que conduziu as narrativas; cada professora narrou acontecimentos ou fatos que considerou

mais significativos. Buscou-se com isso, constituir fontes, utilizando-se dos procedimentos da História Oral em sua vertente Temática. A História Oral Temática dá-se em torno de um assunto ou de tema definido, cujas entrevistas concorrem para o seu esclarecimento, portanto se constitui em alguns recortes da vivência do depoente. E quando o colaborador dispersa para outros temas não definidos pelo pesquisador, a fala é respeitada, porém não é utilizada para a constituição do texto final.

Buscou-se com esta, constituir fontes, utilizando-se dos procedimentos da História Oral, em sua vertente Temática, a fim de buscar nas falas dos docentes indícios advindos das orientações do PNAIC de Alfabetização Matemática na prática pedagógica e o que permaneceu dessa nas aulas de Matemática.

2) O PNAIC de Alfabetização Matemática

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC é um compromisso formal estabelecido entre o governo federal com os estados e municípios brasileiros, com objetivo de alfabetizar todos os alunos do ciclo de alfabetização até os 8 anos de idade, principalmente em Língua Portuguesa e em Matemática (BRASIL, 2012). Esse programa atua em quatro eixos fundamentais: Formação Continuada de Professores Alfabetizadores, Materiais Didáticos e Pedagógicos, Avaliações e Gestão, Controle e Mobilidade Social, responsabilizando todos os envolvidos. Nessa pesquisa a abordagem do PNAIC será em relação à formação continuada de professores alfabetizadores que atuam nas redes públicas municipais de ensino.

O PNAIC é um curso presencial de dois anos para os professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, com base no programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos teóricos e atividades práticas para o Ciclo de Alfabetização. Em 2013, o PNAIC se voltou para Alfabetização e Linguagem, enquanto que em 2014, o foco foi Alfabetização Matemática na perspectiva do Letramento (BRASIL, 2013).

O foco desse programa é contribuir para o aperfeiçoamento profissional dos professores, ampliando as discussões sobre a Educação, no sentido de garantir o direito de alfabetização plena dos alunos até o final do 3º ano.

No documento que trata dos Direitos de Aprendizagens (Brasil, 2012), a alfabetização é apresentada sobre dois aspectos: no sentido stricto a partir da apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e no sentido lato, a qual supõe os conhecimentos sobre as práticas, usos e funções da leitura e da escrita, o que implica o trabalho com todas as áreas de conhecimento. Dessa forma, a alfabetização, em sentido lato, se relaciona ao processo de letramento, envolvendo as vivências culturais mais amplas.

Nesse sentido, a Alfabetização Matemática, na perspectiva do Letramento, defendida pelo Pacto, será entendida como o conjunto das contribuições da Educação Matemática no Ciclo de Alfabetização, para a promoção da apropriação pelos aprendizes de práticas sociais de leitura e escrita de diversos gêneros textuais, práticas de leitura e escrita do mundo, não se restringindo ao ensino do Sistema de Numeração e das quatro operações aritméticas fundamentais, contemplando também relações com o espaço e forma, processos de medição, registro e uso das medidas, bem como estratégias de produção, leitura e análise de informações (BRASIL, 2014).

O PNAIC de Alfabetização Matemática foi organizado em oito unidades, totalizando 120 horas, sendo 80 horas presenciais e 40 horas a distância. O material é composto por treze cadernos de formação, enfocando: Organização do Trabalho Pedagógico; Quantificação, Registros e Agrupamentos; Construção do Sistema de Numeração Decimal; Operações na Resolução de Problemas; Geometria; Grandezas e Medidas; Educação Estatística; Saberes Matemáticos e Outros Campos do Saber.

A formação continuada dos professores alfabetizadores ocorre por meio de um curso envolvendo as Universidades, Secretarias de Educação e Escolas, foi ministrada pelos Professores Formadores de Matemática em parceria com os Formadores de Língua Portuguesa das Instituições de Ensino Superior (IES), que capacitaram os Orientadores de Estudos responsáveis pela formação dos Professores Alfabetizadores nos municípios.

O Pacto orienta-se pelos seguintes princípios da formação continuada: a prática da reflexividade, a constituição da identidade profissional, a socialização, o engajamento e a colaboração entre os professores.

É importante ressaltar que o PNAIC de Alfabetização Matemática trouxe reflexões sobre o uso do corpo nas aulas, a prática da oralidade, a importância e uso de materiais manipuláveis, o trabalho com todos os eixos estruturantes, a importância de diferentes registros das aulas, o trabalho a partir da ludicidade, com jogos e brincadeiras, a utilização dos

saberes prévios dos alunos, diferentes formas de organização da sala de aulas e o uso de diferentes espaços educativos.

Enfim, o PNAIC abrangeu várias temáticas importantes para o ensino e aprendizagem de Matemática, nos anos iniciais, do Ensino Fundamental, possibilitando ao professor vivenciar as atividades antes de levá-las para a sala de aula, assim ocorre a oportunidade de ter contatos com conteúdos matemáticos, refletir sobre eles, esclarecer dúvidas ou incompreensões, preencher lacunas em conceitos para melhorar a prática docente, revertendo na aprendizagem dos alunos.

Além disso, para o acompanhamento e monitoramento das ações de formação, o Ministério da Educação desenvolveu o SISPACTO, que faz parte do Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle (SIMEC), em que todos que fazem parte do PNAIC possuem um cadastro para acessar e realizar as atividades obrigatórias, com objetivo de refletir sobre a prática da sala de aula, a partir das orientações teóricas do curso.

3) Metodologia da Pesquisa

Essa pesquisa, de cunho qualitativo, adotou os procedimentos da História Oral, em sua vertente temática. A História Oral Temática busca esclarecer situações específicas sob o ponto de vista de pessoas que participaram ou presenciaram acontecimentos e que se dispõem a relatar as suas experiências sobre este tema.

Nessa pesquisa, foram entrevistadas seis professoras alfabetizadoras com mais de 10 anos de experiência, preferencialmente no Ciclo de Alfabetização, que participaram do PNAIC de Alfabetização Matemática, no ano de 2014, sendo uma de Curitiba e as demais de 5 municípios que fazem parte da Região Metropolitana de Curitiba: Almirante Tamandaré, Bocaiúva do Sul, Colombo, Pinhais e São José dos Pinhais. Além de terem participado, nos últimos três anos, de pelo menos dois cursos de formação continuada de longa duração, voltado para os anos iniciais, por considerar que esse grupo já tinha históricos de capacitações e que já compreendiam a importância da Formação Continuada.

As entrevistas foram realizadas em Dezembro de 2015, nas escolas onde as docentes lecionam com objetivo de facilitar o acesso a elas. O tempo utilizado para a exposição das falas ficou a critério das entrevistadas, que narraram em detalhes as suas vivências no curso do PNAIC de Alfabetização Matemática. Foram realizadas duas entrevistas para cada colaboradora. No mês de Março de 2016, houve um segundo momento presencial com a

intenção de esclarecer, complementar ou retirar informações relatadas pelas colaboradoras. Os depoimentos gravados nesse segundo encontro também passaram pelas etapas de transcrição e de textualização.

A partir de um conjunto de fichas com 34 palavras-chaves, que foram utilizadas como disparadores de memória, as entrevistas foram conduzidas, sendo que, as profissionais tiveram liberdade para se utilizarem ou não de tais palavras, além de terem a possibilidade de relatar de forma espontânea sobre a formação do PNAIC de Alfabetização Matemática, compartilhando das suas experiências. Ressalto que todas as entrevistas foram gravadas em um smartphone Samsung Gran Prime Duos.

Após a coleta de dados, como procedimento metodológico da História Oral foram transcritas na íntegra todas as entrevistas e depois textualizadas, com objetivo de transformar em narrativas. A transcrição consistiu na passagem literal da fala para a escrita, se aproximando o máximo do registro gravado. Enquanto que na textualização objetivou-se transformar “as falas” em um texto para ser lido, produzido em primeira pessoa, respeitando os dados coletados nos depoimentos.

Ressaltamos que a produção do texto final, de cada narrativa, ocorreu a partir do cruzamento da textualização dos dois momentos distintos de entrevistas e da apreciação das professoras colaboradoras a respeito deste, após eventuais correções e mudanças pertinentes. Em seguida, houve a aprovação do texto final pelas professoras, que depois de conferido e validado assinaram uma carta de cessão de direitos, constituindo o documento de História Oral.

Para finalizar essa pesquisa, será realizada uma narrativa a partir de um conversa gravada com o Coordenador do PNAIC da UFPR, sobre as seis narrativas das professoras alfabetizadoras. O objetivo não é o de “transcender a subjetividade” dos narradores promovendo a generalização e muito menos de considerar essa narrativa superior ou melhor do que as outras, mas como possibilidades para analisar os depoimentos coletados, pois:

Existe a possibilidade de uma análise narrativa das narrativas (Bolívar, 2005). Trata-se de uma análise que geraria um texto diferenciado, do ponto de vista da forma, daquela narrativa primeira. Dessa forma, ter-se-ia uma outra narrativa em que estariam patentes a subjetividade do intérprete e as redes de sentidos que ele reitera de quaisquer fontes por ele julgadas como potenciais contribuições para a compreensão de uma dada situação ou modo de narrar. (CARNICA, 2010).

4) História Oral na Constituição de Narrativas

A História Oral tem sido mobilizada em pesquisas acadêmicas, na Educação Matemática, para ouvir professores, coordenadores pedagógicos, técnicos das secretarias de educação, coordenadores das universidades, alunos e outros. Nessa pesquisa a História Oral foi utilizada para procurar perceber o entendimento de professores alfabetizadores sobre o PNAIC de Alfabetização Matemática.

De acordo com Garnica (2011), optar por utilizar História Oral em pesquisas acadêmicas, em Educação Matemática, não significa se restringir a algumas regras para a coleta de dados e a formas de tratar as entrevistas, mas se ater aos modos específicos de:

- a) fazer surgirem questões de pesquisas; b) buscar por informações e registrar memórias – narrativas – que nos permitam tratar dessas questões; c) cuidar desses registros de forma ética e trabalhá-los segundo procedimentos específicos, tornando-os públicos ao final desse processo; d) analisar o arsenal de dados segundo perspectivas teóricas em sintonia com alguns princípios previamente estabelecidos; e) procurar criar formas narrativas alternativas às usualmente vigentes no meio acadêmico, constituindo os trabalhos produzidos nessa vertente mais como campos de experimentação que como arrazoados de certezas (GARNICA, 2011).

Para Thompson (1992, p. 137), a História Oral transforma os “objetos” de estudos em “sujeitos”, o que a caracteriza como uma história viva e rica de significados singulares. Segundo esse autor enquanto que os historiadores estudam as pessoas da história a distância, prescrevendo opiniões e ação a partir do ponto de vista do próprio historiador, a História Oral da visibilidade às falas de pessoas de diferentes papéis sociais.

Existem muitas formas de abordar a História Oral. Porém nesse trabalho, utilizaremos a definição dada por Meihy (2014, p.15), que diz

História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com locais, tempos de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 2014)

Para complementar esse conceito, consideraremos também que “*História Oral é um modo de produzir narrativas orais e com essa finalidade tem sido mobilizada por inúmeros agentes, dentro e fora da academia*”. (GARNICA, 2015).

É nessa perspectiva que adotamos a História Oral como procedimento metodológico, como possibilidade de transformar as narrativas orais em fontes históricas, porque se refere a

“um tempo pesquisável e pesquisado” com referências cronológicas que podem ser aferidas, considerando o tempo mais recente do homem. Além de que a História Oral é um dos modos de criar narrativas como fontes do conhecimento e principalmente do saber, conforme exposto por (DELGADO, 2013).

Um desafio da História Oral está em expressar em palavras as emoções, as sensações, o silêncio e os sentimentos de quem as viveu. Entretanto a subjetividade, muitas vezes, torna a História Oral muito valiosa, a partir da singularidade das pessoas. Alguns historiadores orais afirmam que a História Oral tem colaborado não só para mostrar às pessoas que elas são úteis à História, mas que também esta pode ser útil para as pessoas.

As narrativas possibilitam a representação da realidade pelos sujeitos, por meio de significados e reinterpretações, e com isso podem ser exploradas com fins pedagógicos, levando em consideração que ao destacar algumas situações, suprimir episódios, reforçar influências, lembrar e esquecer são contradições que caracterizam a apreensão das narrativas. (CUNHA, 1997).

Ao narrar algo referimo-nos sempre a uma experiência, a um acontecimento ou a um processo, sendo que a experiência que passa de uma pessoa para outra pode ser comparada como uma “forma artesanal” de comunicação, pois ela não quer apenas transmitir informações, mas sim, imprimir na narrativa a marca do narrador, na qualidade de quem às viveu ou na qualidade de quem as relata. (BENJAMIN, W. 1997, p. 205).

De acordo com Delgado (2003, p. 23)

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análise, emoções, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida.

Por meio das lembranças podemos recuperar os acontecimentos passados, tendo consciência para distinguirmos o ontem do hoje. Contudo, compreender em profundidade o passado é um desafio, assim como ativar a memória também. “A memória, é a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUI, 1995, p. 125).

A memória pode ser caminho possível para que as pessoas percorram a temporalidade de suas vidas. (DELGADO, 2003). No entanto, não é com frequência que as pessoas relembrem o passado, pois, de acordo com Bobbio (1997),

“O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa [...] o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar vestígios dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir a nossa identidade”.

Com isso, as professoras alfabetizadoras constituíram suas narrativas com base em suas memórias, percorrendo o tempo passado, ou seja, o ano de 2014 e ressignificando o olhar em relação ao PNAIC de Alfabetização Matemática. Fala, escuta gestos e troca de olhares estiveram presentes no relato das experiências compartilhadas. Segundo Delgado (2003, p. 23), as narrativas são traduções das experiências retidas e, muitas vezes, relatam o poder das transformações, em que História e Narrativa, tal qual História e Memória se alimentam.

5) Resultados Parciais

Nos relatos das profissionais aparecem alguns indícios advindos das orientações teóricas do PNAIC e sua influência na prática docente, no Ciclo de Alfabetização.

É possível perceber que a Resolução de Problemas passou a ter um lugar de destaque nas aulas de Matemática com a utilização de situações contextualizadas e significativas aos alunos, substituindo atividades repetitivas e desconectadas com a realidade. Ainda, houve a aceitação dos professores em relação aos diversos registros nas situações problemas, por meio de desenhos, esquemas e de algoritmos variados, indicando as diferentes maneiras de pensar dos alunos.

Além disso, a utilização de Jogos como facilitadores do processo de ensino aprendizagem foi citada por todas as professoras colaboradoras, ressaltando que os jogos passaram a ser utilizados com frequência nas aulas que se tornaram mais lúdicas e com atividades mais significativas, e permaneceram como uma prática recorrente no trabalho pedagógico do professor.

A Caixa Matemática também foi e ainda está sendo muito utilizada nas aulas, devido a ênfase no uso de materiais manipuláveis no ensino e aprendizagem dos conceitos matemáticos. Palitos, tampinhas, bolinhas, dinheirinhos, elásticos, fitas métricas, balanças, relógios, fichas sobrepostas, tapetinhos ou Quadro-valor-lugar, materiais de contagem, material dourado e outros passaram a ser utilizados frequentemente nas aulas .

A percepção de que o erro do aluno se configura como um processo de construção e de apropriação de conhecimentos matemáticos, apareceu como um diferencial nas falas. O erro

do aluno não foi encarado pelos docentes como algo ruim ou de fracasso escolar, mas como possibilidade de reflexões sobre os conceitos trabalhados.

A oralidade também se mostrou presente nas aulas de Matemática, que passaram a ter momentos de discussões de diferentes estratégias de resolução, momentos de dramatização, além de diálogos entre professor e alunos, sendo que algumas vezes surgiram conflitos que puderam ser mediados pelo professor.

Ocorreram mudanças no ambiente da sala de aula, possibilitando um olhar para as paredes das salas, por meio do uso de diferentes cartazes, preferencialmente feitos com o auxílio dos alunos, os diversos de organizações das carteiras, em grupos, em forma de U, em fileiras, enfim, de acordo com a atividade trabalhada, além da construção do Cantinho da Matemática, com a exposição de materiais que foram disponibilizados para os alunos. Ainda a visão sobre os espaços educativos da escola como possibilidade de estabelecer relações com conteúdos matemáticos, a quadra de esportes, a biblioteca, o pátio escolar, os corredores e outros.

As professoras ainda relataram sobre o uso de Livros de Literatura nas aulas de Matemática, por meio de histórias que possibilitaram ser utilizadas como disparadores de situações de ensino e aprendizagem, aproximando a linguagem matemática de situações reais ou imaginárias para os alunos.

Além da ressignificação do trabalho com todos os eixos estruturantes da Matemática, promovendo um novo olhar sobre o ensino e aprendizagem de Geometria, de Grandezas e Medidas, do Tratamento da Informação e do eixo de Números que passou a ser enfatizada a formação do conceito de número, aquisição dos princípios do Sistema de Numeração Decimal, ainda os conceitos das Operações Fundamentais, em situações problemas.

Considerações Finais

Pelo depoimento das profissionais percebe-se as possibilidades e os desafios do PNAIC enquanto um curso de Formação Continuada, voltado para professores que atuam no Ciclo de Alfabetização. É interessante perceber que as falas das professoras se voltaram mais para o processo de ensino e aprendizagem de Matemática, do que para as experiências adquiridas no curso do PNAIC de Alfabetização Matemática.

Alguns desafios, sobre o PNAIC, expostos pelas colaboradoras foram a abrangência desse curso para todos os professores do Ensino Fundamental, anos iniciais (do 1º ao 5º) e não só para o professor do ciclo de alfabetização. Ainda, a ausência do coordenador pedagógico nas formações, visto que ele é responsável pela formação continuada no espaço escolar e acabou à margem dessa capacitação. Sendo que se esse profissional tivesse participado, poderia organizar grupos de estudos nas escolas, favorecendo a continuidade das discussões ocorridas no curso do PNAIC. Além disso, a dificuldade de colocar em prática muitas atividades sugeridas nos encontros devido à falta de materiais nas escolas ou mesmo por falta de tempo, por considerar que o professor dos anos iniciais leciona outras disciplinas além de Matemática. Também, a demora para receber os cadernos e materiais da formação foi questionada pelos professores.

Ainda, o tempo de duração do curso do PNAIC: algumas colaboradoras ressaltaram que só um ano para Matemática foi pouco tempo para aprofundar e internalizar conceitos matemáticos e as discussões e novas metodologias de ensino da Matemática. Finalizando, a mudança na prática pedagógica também apareceu com reflexões de que não é fácil mudar a maneira de ensinar de uma hora para hora, mas que o programa trouxe ideias e sugestões de como isso pode ser possível.

Algumas possibilidades relatadas que esse programa trouxe foram contribuições para o professor repensar a prática pedagógica, mudanças na mentalidade do docente “quebrando” algumas crenças em relação à Matemática, aos conteúdos e ao processo de ensino aprendizagem; amparo ao trabalho desse profissional trazendo segurança para a atuação em sala de aula; a ampliação do conhecimento a partir de textos teóricos, das discussões e reflexões sobre a aplicação em sala de aula; auxílio no planejamento a partir do entendimento de Sequências Didáticas e de Projetos Didáticos; possibilidade do professor interagir, buscando conhecimentos, informação e tendo compreensão de conteúdos matemáticos; mudanças nas aulas de Matemática que se tornaram mais lúdicas e com atividades mais significativas, tirando o professor da “Zona de Conforto”, além de diversos pontos positivos mencionados pelas colaboradoras.

Ressalta-se o papel do Orientador de Estudos no PNAIC que passou a ser citado como referência para as professoras, que tinham a quem recorrer nos momentos de dúvidas e de dificuldades ao trabalhar com alguns conteúdos, passando segurança ao docente. Substituindo,

com isso, a figura do professor do início de escolarização, a quem muitos recorriam para tentar ensinar e reproduzir as aulas de forma similar ao que aprenderam.

No entanto, ainda percebemos que o entendimento do professor sobre a Alfabetização Matemática na Perspectiva do Letramento precisa ser mais bem aprofundado. Pelas falas é possível perceber alguns equívocos ou entendimentos de maneira separada entre as palavras ALFABETIZAÇÃO, MATEMÁTICA e LETRAMENTO. Todavia, percebe-se que há um desejo e esforço do professor em ensinar Matemática de forma mais significativa, mais lúdica, favorecendo a compreensão dos conceitos matemáticos associados com situações práticas do cotidiano, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos.

Para finalizar, consideramos que a iniciativa e implementação do PNAIC foi muito interessante. No entanto, é necessário ter mais cursos de longa duração, para trabalhar com a compreensão de conceitos matemáticos, atrelados a diferentes metodologias, voltado para os professores dos anos iniciais, visto que o Pacto não atingiu todos os docentes e ainda, não preencheu algumas lacunas da formação do professor que ensina Matemática nos anos iniciais.

6) Referências

ARAÚJO, Jussara de Loiola; BORBA, Marcelo de Carvalho (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. História Oral e Educação Matemática. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

BARTH, Bruna Nhevilla Dutra. **Histórias de professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba**. 2014. 135 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. Brasília, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional**. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

- CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me**: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ, vol.23, n. 1-2 São Paulo. Jan./Dec. 1997.
- DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativas**: tempo, memória e identidades.
- FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- GARNICA, A. V. M. **História Oral e Educação Matemática**: do inventário à regulação. Zetetiké, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM, 2003.
- GARNICA, A. V. M. **Registrar Oralidades, Analisar Narrativas**: sobre pressupostos da História oral em Educação Matemática. Ci.Huma. e Soc. em Rev. Seropédica, v.32, n.2, Julho/Dezembro de 2010.
- GARNICA, A. V. M. **História Oral e Educação Matemática**: considerações sobre um método, [s.l], 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de matemática**: (im)possibilidades de leitura. 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006
- THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VARELA, Sandra Maria Banak. **Aspectos históricos sobre a formação e atuação de professores de matemática do município de Cascavel (PR)**. 2014. 386 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.